conexão
univale
A universidade mais perto de você!
Conecte-se com a UNIVALE!
univale.br
(33) 3279-5500
@univalegv

7º Seminário Intercurso debate combate ao preconceito em atendimentos no SUS

Vencer o preconceito e promover cuidado mais equânime no Sistema Único de Saúde (SUS) foi o questionamento central do 7º Seminário Intercurso da UNIVALE, promovido pelos cursos de Enfermagem, Medicina e Odontologia da instituição. Os estudantes foram desafiados a apresentar trabalhos focados no tema transversal da assistência à saúde a populações em situação de vulnerabilidade.

"Já estamos na sétima edição do Seminário Intercurso, e a proposta é discutir esse tema transversal da busca por equidade, principalmente para as populações vulneráveis. Estamos unindo os cursos de Medicina, Enfermagem e Odontologia, para fazer essa discussão conjunta, para proporcionar aos nossos alunos um debate interprofissional sobre as políticas de equidade das referidas populações", comentou a professora Ayla Ferreira Matos, do curso de Odontologia.

O coordenador do curso de Enfermagem, professor Micael Alves dos Santos, lembra que a equidade dentro do SUS é uma preocupação nas discussões do Seminário Intercurso desde a primeira edição do evento.

"A nossa grande questão de discussões, desde o primeiro seminário, tem sido a equidade para algumas populações dentro do SUS. O nosso encontro é para reunir essas três áreas, que atuam juntas dentro do Sistema Único de Saúde e dentro dos hospitais e unidades básicas de saúde. Nós pensamos em como a formação pode contribuir para profissionais que vão prestar um cuidado mais humano e mais justo", disse o professor Micael.

O grupo coordenado pela aluna Júlia Rabelo, do curso de Odontologia, produziu um guia sobre saúde, direcionado à população LGBTQIAPN+. "Nós trouxemos os principais aspectos dessa população de forma mais informativa para os profissionais da saúde. Com isso, a gente trouxe um guia de como trazer mais acolhimento a essa comunidade dentro da clínica, na hora de prestar serviços a essa população", afirmou a estudante.



Equidade no SUS foi o foco dos trabalhos apresentados por estudantes durante o 7º Seminário Intercurso

Docente no curso de Medicina, a professora Fernanda Magalhães destacou a importância de futuros profissionais da saúde, de diferentes áreas, aprenderem a trabalhar em conjunto: "A proposta é pensar em uma formação mais integral e humanística, para que os estudantes aprendam a trabalhar de uma maneira colaborativa e com o olhar pensando em todos os princípios do SUS".

Olhar de Mestre



Bernardo Gomes Barbosa Nogueira

Doutor em Teoria do Direito pela PUC/MG. Coordenador e professor do mestrado em Gestão de Conflitos, Direitos e Humanidades da UNIVALE. Professor do mestrado em Gestão Integrada do Território e do curso de Direito da UNIVALE.

Instagram: @bernardogbn

Conheça os Programas de Mestrado: univale.br/mestrado

Nada há fora da língua: prefácio para uma terça-feira qualquer

Para o Djalma e o Ed, para a Renata e o Bruno

Jacques Derrida nos fala, em sua obra *O monolinguismo do outro*, algo como: "Eu não tenho senão uma língua, e ela não é minha". Essa assertiva interessantíssima nos servirá de guia para uma terça-feira qualquer.

O autor trata de uma série de questões em sua obra. Hoje, entretanto, iremos refletir acerca da ideia de que os conflitos também se colocam a partir e através de uma questão de linguagem, compreendendo-a como aquilo que nos coloca no mundo. A língua, portanto, é aquilo que temos; contudo, como ensina Derrida, ela não é nossa.

E isso significa que toda língua tem uma história, um contexto e, por isso mesmo, vem carregada por uma cultura, impregnada por agenciamentos, sentidos e interpretações. Quer dizer: se habitamos a língua, e ela nos é imposta, talvez reste, como nos ensina outro autor francês, Roland Barthes, trapacear com ela. A essa trapaça ele chama literatura.

Logo, refletir sobre a língua é, em alguma medida, refletir sobre as peles e/ou camadas que nos compõem em nossas interações, sobre os tecidos que envolvem nossos corpos material e simbolicamente. Portanto, a língua, enquanto manjedoura que embala a vida, é também a mesma que fere de morte.

Um conflito também é perpassado pelas línguas, pelos sentidos que elas exprimem. Ao mesmo tempo, uma língua é nossa condição de vida e de morte, veneno e antídoto. Ela nos doa a vida, mas vem impressa com a soma de todas as violências e silêncios que causou; na mesma face, é também a chance de transformação, de virada, de profanação.

Estar na língua é uma condenação da qual não podemos nos desvencilhar e, mesmo considerando toda a carga histórica de colonização de sentidos que ela porta, ainda resta uma saída.

A chance que observamos vem como aquilo que chamamos de gestão democrática de conflitos. Para isso, como nos ensina Derrida, fazem-se necessários sentidos outros na escuta. Uma escuta que reconheça as amarras históricas e supõe a necessidade de apuro. Que elabore, na tensão entre a língua que é opressão e condição de possibilidade, uma espécie de língua por vir.

Isso não significa sairmos das línguas que nos constituíram, mas sim assumir um compromisso democrático de crítica e desconstrução, de modo que não apenas a língua amoleça, ao gosto de Dalí, mas que os interditos excludentes sejam expelidos para fora da língua, do corpo, da dança e do que impede uma escuta para além do que seja possível: o outro.